



BOUDICA: *a rainha guerreira celta e sua construção social segundo Tácito e Dion Cássio - (60 d.c. – 61 d.c.)*

Kálita Torres de Moura

kalitatorres274@gmail.com
Graduanda em História (UEG)
kalitatorres274@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Neemias Oliveira da Silva (UEG)

RESUMO: Este estudo tem como propósito analisar a imagem de Boudica, rainha guerreira celta pertencente a tribo dos icenos, responsável por liderar um exército contra o Império Romano durante o século I d.C. Os relatos acerca da revolta de Boudica são referentes ao período de 60 e 61 d.C. As fontes que fundamentam a pesquisa e descrevem a rainha em primeiro momento são os escritos de Dion Cássio (155 – 229 d. C) e Tácito (56– 117 d. C). Assim, o constituir dos papéis desenvolvidos em todas as esferas sociais designou por muito tempo um lugar de inferioridade para as mulheres. Na busca por quebrar tal estigma, compreenderemos as múltiplas narrativas atribuídas a essa figura feminina e como ela se tornou símbolo de resistência e luta dentro do seu próprio tempo e espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Boudica; Dion Cássio; Tácito; Romanização; Gênero

A RAINHA GUERREIRA

De acordo com as fontes primárias de Dion Cássio em História de Roma LXII (século II d.C.); e nas obras de Publio Cornélio Tácito, Anais XIV (116 d.C.) e Agrícola (por volta de 98 d.C.), originalmente compostas em latim, Boudica, a rainha celta, surge como a responsável por uma revolta contra os romanos em 60 e 61 d.C., na Britânia (atual Grã-Bretanha), uma

antiga província dos romanos. Foi no desenvolvimento do império neroniano (54 – 68 d.C.), que Boudica liderou uma sequência de destruição com seu exército pelos assentamentos de Camulodonum, Londinium e Verulamium¹ (Bélo, 2014, p. 46).

Nascida por volta de 30 d.C. na Britânia, Boudica pertence a origem nobre dos povos celtas², era a esposa de Prasutagos, o rei da Icênia, localizada ao leste da atual Grã-Bretanha. Boudica se casou aos 18 anos e teve com ele suas duas filhas. Podemos entender os celtas como um conjunto étnico de diferentes povos que ocupavam as regiões que se estendiam da Península Ibérica e Ilhas Britânicas até a Ásia Menor entre 1200 a.C. e 500 d.C., sendo o seu próprio nome uma construção do ideário romano. Os romanos foram responsáveis pelos registros desse conjunto étnico, tendo a construção da imagem de Boudica feita pelos autores romanos como o arquétipo de mulher vingadora, selvagem e feroz com aqueles que cruzavam seu caminho. Na busca por desconstruir e refinar as múltiplas reproduções greco-romanas, Tecla (2008) ressalta que a relação da religiosidade das populações ditas como celtas e sua conexão com a natureza devem ser revistas, diante da perspectiva de homem e ambiente, considerando os relatos antropológicos referentes ao animismo. Conclui-se assim que:

A analisarmos as práticas religiosas das sociedades antigas, é preciso evitar preconceitos e anacronismos que desvirtuam o seu significado para estas sociedades. Há o problema de como compreender o “outro”, ainda mais quando há um distanciamento temporal de quase dois milênios. Toda a sociedade tem o seu não dito, seja por crivo histórico ou por não sobreviver até nós a documentação (Tecla, 2008, p. 159 – 160).

¹ Os assentamentos citados faziam parte das ilhas britânicas. Atualmente são: Colchester, Londres e cidade de St Albans.

² De início, em geral os gregos chamavam os celtas de galatae, os quais tinham assentamentos, durante o século III a.C., onde é hoje a Turquia. Posteriormente, se aventuraram pelo Danúbio e se dissiparam, alcançando locais como as Ilhas Britânicas. As fontes sobre os galatae são escassas, tendo-se apenas três broches conhecidos até hoje, os quais foram encontrados por arqueólogos na Turquia, além de algumas fontes escritas gregas (James, 1993; Bélo, 2014).

Desta maneira a historiografia antiga referente aos povos celtas que chega aos dias atuais, carrega uma carga de pressupostos advindos da cultura romana, que enxergavam o outro, o não romano, em ênfase as mulheres não romanas, como figuras barbaras, violentas e imprevisíveis. De acordo com Peixoto (2012), os discursos atribuídos as mulheres celtas são proferidos de um âmbito particular dos autores “tais representações construídas em relação às mulheres celtas mais do que um fiel retrato sobre as relações de gêneros nestas sociedades, constituem-se como representações – com implicações políticas, sociais e culturais” (Peixoto, 2012, p. 332). Fazendo com que a ideia de matriarcado celta seja evocada erroneamente.

Assim, Boudica era vista como exemplo de selvageria nativa e resistência contra a dominação romana e, de outro, como uma honrada personagem que lutou contra Roma e sua opressão. Sendo representada como uma figura complicada nos relatos modernos aos mais antigos (Hingley, 2005; Unwin, 2005 Apud Bélo, 2014, p. 8).

Sua figura ganhou traços e formas por diversos artistas pelo mundo. Uma das ilustres representações de Boudica se encontra presente em Londres pelo artista Thomas Thornycroft, próxima à ponte de Westminster, às margens do rio Tâmesa, em frente ao parlamento britânico, em oposição ao Big Ben. Vejamos:



Fig. 1. Estátua nomeada *Boudicea and her Daughters*, feita por Thornycroft, 1902, Londres. Disponível em: <https://i.pinimg.com>. Acessado em 01 de março

de 2023

A guerreira aparece como figura central na imagem, em torno de suas filhas. Sua posição de superioridade em cima da carroça com uma lança na mão e braço estendido nos dão a entender que a mesma estaria discursando aos seus, os incentivando a levantarem e enfrentar o inimigo de frente. As únicas fontes primárias da incursão romana à Bretanha são as dos próprios romanos: duas obras de Tácito e uma de Dion Cássio, únicos autores a relatarem a revolta na região (Pinto, 2011, p. 106).

Dion Cássio, sobre a revolta, comenta os desastres que estavam acontecendo nas ilhas da Britânia, visto que duas cidades romanas tinham sido destroçadas por “selvagens”, segundo Bélo: “[...] oito mil romanos e seus aliados haviam sido derrotados e a ilha, perdida. Todavia, o mais vergonhoso, cita Cássio, era o fato de todo esse desastre ter sido tramado por uma mulher” (Bélo, 2014, p.50)³. Um dos pontos interessantes da obra de Dion é que mesmo que o conflito tenha ocorrido há cerca de 150 anos atrás, o autor descreve um discurso motivacional e muito inspirador que teria sido feito por Boudica para incentivar o seu povo a partir para guerra contra os romanos.

[...] De fato, desfrutamos de um excesso de bravura, que consideramos nossas tendas mais seguras que suas paredes e nossos escudos, oferecendo maior proteção do que toda a sua correspondência. Como consequência, quando vitoriosos os capturamos e quando dominados os iludimos; e se optarmos por recuar em qualquer lugar, ocultamo-nos em pântanos e montanhas tão inacessíveis que não podemos ser descobertos ou capturados. Nossos oponentes, no entanto, não podem perseguir ninguém, por causa de sua pesada armadura, nem mesmo fugir; e se eles se afastam de nós, refugiam-se em certos locais designados, onde se calam como uma armadilha. Mas esses não são os únicos aspectos em que são vastamente inferiores a nós: há também o fato de que eles não podem suportar a fome, a sede, o frio ou o calor, como podemos. Eles exigem sombra e cobertura, exigem pão amassado, vinho e óleo e, se alguma dessas coisas lhes falha, eles perecem; para nós, por outro lado, qualquer grama ou

³ Cf: Cassius Dio, Roman History 62.2 (fonte primária)

raiz serve como pão, o suco de qualquer planta como óleo, qualquer água como vinho, qualquer árvore como casa. Além disso, essa região é familiar para nós e é nossa aliada, mas para eles é desconhecida e hostil. Quanto aos rios, nós os nadamos nus, enquanto eles não os atravessam facilmente, mesmo com barcos. Portanto, vamos contra eles confiando ousadamente na boa sorte. Vamos mostrar a eles que são lebres e raposas tentando dominar cães e lobos ". (Cassius Dio, Roman History 62:23-26).

Dion Cassio traz uma abordagem um pouco mais descritiva a respeito da rainha Celta, onde o mesmo usa de argumentos para valorizar as ações romanas e diminuir os feitos de Baudica . Em seus escritos ela é tratada como uma figura masculinizada, muito alta, de aparência aterrorizante, olhar feroz e voz grave. Segundo Dion Cassio a rainha possuía cabelos avermelhados e longos até a cintura, um colar de nó envolto no pescoço e se vestia com uma túnica e sobre essa um manto, preso com um broche (Bélo, 2014).

A metodologia aplicada durante a produção da pesquisa se deu por análise documental realizando críticas aos documentos da antiguidade escritos por Dion Cássio e Publio Cornélio Tácito, para entendermos o contexto histórico em que Boudica surge como rainha guerreira. Assim, pretende-se estabelecer um diálogo com as fontes primárias dos autores e explorar a construção social da figura de Boudica.

Ao analisar a imagem de Baudica e de outras personagens femininas abrimos caminhos para a expansão de novas metodologias de pesquisa histórica, que buscam viabilizar os sujeitos antes deixados às margens da história. De acordo com Lyann Hunt (1992), "[...] os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social passara por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Annales, pela história da cultura" (Hunt, 1992, p. 05 e 06). Através desse viés de modificação dos modelos de se constituir história que o trabalho buscou ser enquadrado, para que podemos compreender as mediações morais e sócios culturais que foram impostas as mulheres

em suas experiências como sujeitas modificadoras da realidade social dos tempos antigos e ver como tais experiências culturais respaldam e influenciam as políticas de discursos do século XIX.

Conforme explica *Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997)* “o que está em questão, a partir de então, é o desvendamento das especificidades de épocas históricas, compreendidas a partir de seu caráter individual” (Mauad e Cardoso, 1997, p.569). Sendo assim, colocamos a rainha guerreira em ênfase para o estudo de sua imagem de forma metodológica, analítica e crítica. Assim, busca-se explorar o contexto individual da construção da narrativa histórica atribuída a Boudica.

O CONFLITO

As disputas territoriais entre os povos celtas e romanos se deram desde as primeiras tentativas de invasão das ilhas Britânicas. A primeira investida romana teria ocorrido em 55 a.C. com *Júlio César*, que junto com o rei *Cômio*⁴ alcançaram o vale do Tâmesis e subjogou os *catuvelaunos*⁵ com a ajuda dos povos *trinovantes* que viviam ao norte. Após tentativas e frustrações de tomada de território na Britânia o imperador *Cláudio* (41 d.C. - 54 d.C.), em 43 d.C. consegue estabelecer acordos com alguns desses povos.

⁴ Rei dos atrebates da Gália que reinou na Britânia durante o século I a. C.

⁵ Pertenciam ao reino celta no sudoeste da Britânia antes da conquista romana.



Fig. 2. Tribos situadas na Britannia durante expansão romana. Disponível em: <https://i.pinimg.com> Acessado em: 05 de março de 2023

Por volta da década de 40 d.C. os romanos começaram a conquistar várias faixas de terras ainda no reinado do imperador Claudio (41 d.C. - 54 d.C.), onde o mesmo fez o que pode para abranger o domínio romano firmando acordos e tecendo os primeiros contatos com os onze povos bretãs, fornecendo reforço militar para ataques externos em troca de tributos (Hingley, 2005; Unwin, 2005).

O rei dos icenos ao presenciar a expansão romana pelas ilhas britânicas e com medo do que poderia acontecer ao seu povo em sua falta fez um acordo com estes. Segundo Tácito o mesmo deixara parte de suas terras para os romanos e o restante para suas filhas, nada mencionando sobre sua rainha. Após a morte de Prasutagus as afrontas contra a tribo de Boudica se tornam maiores, o que desencadeou sua revolta contra os romanos. Em os Anais de Tácito, escrito no ano 116 d.C., o autor traz uma grande narrativa acerca do Império Romano e seus governantes. A revolta de Boudica é relatada no livro XIV, onde vemos a sordidez de oficiais romanos ao açoitarem Boudica, estuprarem suas duas filhas e tratarem o restante da tribo como escravos, a fim de tomarem o reino dos iceni como uma espécie de prêmio (Tácito, Anais, 14.31).

Nesse episódio vemos como a figura feminina foi subjugada e exposta aos meios de dominação. As filhas de Boudica foram violentadas no intuito de se expressar não só a autonomia romana, mas sim a

dominação do homem romano em torno das mulheres, no caso específico, nas crianças, provavelmente adolescentes ainda virgens, sucessoras do trono iceni. Diferenciando-se um pouco de Tácito, Dion afirma que:

O conflito entre os bretões e romanos teria se dado devido uma quantia de dinheiro que o Imperador Claudio havia confiscado dos bretões. Havendo dentre deles uma mulher da família real, que se destacava das demais mulheres por possuir grande inteligência e saber persuadi-los a luta (Cassius Dio, Roman History, 62:23-26).

O açoitamento de Boudica e a violação de suas filhas se tratou de um ato de vingança contra a rainha guerreira, pois a mesma se negou a reconhecer e aceitar a soberania romana, então usaram da tortura e do medo para impor sua autonomia. Dessa forma, os romanos como os demais homens de diferentes culturas, ao longo da história se apropriaram de algo biológico para se “impor” e construir essa intimidação às mulheres, como Boudica e suas filhas, no intuito de envergonhá-las e fazer com que sua linhagem carregasse a lembrança dos genes romanos.

Tácito mesmo sendo um romano fiel, se viu pasmo com as atrocidades feitas a Boudica e suas filhas, e mesmo que o estupro e o açoitamento de líderes manchassem a memória romana, o mesmo não o omitira de seus relatos, para então demonstrar que a supremacia de Roma deveria ser imposta a qualquer custo. O evento ocorrido com Boudica e suas filhas é considerado, por estudiosos da Antiguidade, tais como Aldhouse- Green (2006) e Johnson (2012), o pior tipo de humilhação, não apenas pelo testemunho da ferocidade imperial, mas também pela resposta dramática e expositiva a uma mulher reconhecida por desprezar os romanos (Johnson, 2012).

Para os padrões de Roma o estupro era considerado um crime bruto de guerra, e o açoitamento era uma punição executada em decorrência de uma ofensa hedionda, bem como o assassinato. Na lei do Império romano, o espancamento até a morte era um método de punição para

quem havia cometido o parricídio⁶ (Aldhouse- Green, 2006).

De acordo com Aldhouse - Green (2006), o estupro foi especialmente significativo, chocante e degradante para as adolescentes, a mãe, a casa real de Prasutago e toda a tribo, não apenas porque eram mulheres, mas também porque eram crianças, provavelmente virgens na puberdade, que dali em diante carregariam consigo as lembranças da agressão pelo resto de suas vidas. Reduzindo a figura feminina a um estado degradante, o estupro é o crime mais extremo direcionado a uma mulher, um ato de violência e repugnância, e é um dos problemas mais difíceis encarados pelos movimentos feministas (Cahill, 2001). Os oficiais valeram-se de um poder que segundo Johnson (2012), contaminaria as garotas como descendentes bastardos. A violência sexual contra as mulheres, especialmente o estupro, é o principal esteio do controle dos homens sobre as mulheres (Griffin, 1984).

Após a violência sofrida, Boudica e suas filhas partem em busca de aliados para enfrentarem o império romano, dando início a uma destruição feroz em Camulodunum, Londinium e Verulamium, assentamentos romanos. De acordo com Tácito a revolta iniciou-se em Camulodunum, que abrigava ex-oficiais romanos, os quais tratavam os trinovantes como escravos. Além disso, nessa instalação estava o templo de Cláudio, símbolo da lei romana e de opressão aos nativos, que também significava a vitória e o triunfo dos romanos sobre eles. Camulodunum foi destruída ao primeiro impacto. O odiado assentamento foi arrasado e queimado até o chão e a população, sem distinção de sexo ou idade, foi dizimada de formas variadas, entre elas a crucificação, enforcamento e esfaqueamento. Com o tempo a cidade acabou sendo reconstruída, segundo Tácito a cidade não foi rodeada com pedras e fortificações. A cidade foi rebatizada desde a idade média com o nome de Colchester (Fields, 2011 Apud Bélo, 2014).

⁶ Ato de matar o próprio pai ou pais, sendo denominado parricídio ou patricídio.

SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

De sagradas a profanas as mulheres ao longo de suas trajetórias foram marcadas pelos estereótipos de submissão, concepções de maternidade, reprodução e produção de comportamentos impostos no meio social. Todavia, ao pontuarmos a história de mulheres, guerreiras e mães como Boudica pode-se perceber a resistência feminina desde os tempos antigos.

Sendo capazes de reformular um destino cuja liberdade seja pautada antes das necessidades do sistema patriarcal, as mulheres que já se demonstravam firmes e resistentes a partir do século XIX com o movimento feminista intensificaram a luta pela igualdade entre os gêneros. Na atualidade, o movimento pode ser entendido como algo maior, onde por meio de lideranças de mulheres pautas em relação ao gênero transcendem o meio social, cultural, político, filosófico e racial em todo o mundo.

De acordo com Teles (2010), os séculos XIX e XX retiraram as mulheres do cotidiano dos afazeres do lar para uma batalha que se trava inclusive nos dias atuais.

A rápida e significativa evolução de sua condição nas últimas décadas do século XX, em especial, deixou de ser específica e vinculada somente à questão de sexo, mas se configurou como um fator de preocupação em âmbito mundial. Estabeleceram uma ruptura com os padrões sociais, culturais e artísticos vigentes, e não ficaram restritas a estereótipos de mãe ou *Femme fatale*. Desafiavam, enfrentavam, estimulavam e contribuíram para legitimar ideias e práticas consideradas revolucionárias para a época em que viveram (Teles, 2010, p. 12).

Coincidindo com os primeiros movimentos de emancipação feminina, o mito da *Femme fatale* (*Mulher Fatal*), existentes desde a antiguidade tomou um novo formato no século XIX. Consideradas uma ameaça aos homens, dotadas de beleza e poder. Os arquétipos de esposa, mãe e do lar, passam a ser substituídos por bruxas, místicas e prostitutas conforme as mulheres reivindicavam e erguiam suas vozes. Por muitos

definidas como “vampiras”, as mulheres e o termo mulher fatal ganharam páginas e telas pelo mundo no século XX, em argumentos literários os homens aparecem como suas supostas vítimas. Com a grande cultura de massas, o cinema e meios de publicidade tornaram diversas mulheres hipersexualizadas, terríveis e impassíveis, perpetuando as diversas construções sobre o ser mulher conforme valores do patriarcado. Desta forma, Boudica não só poder ser sinônimo de uma mulher fatal no mundo contemporâneo, mas como a mesma foi vista diante de seus inimigos no mundo antigo. Destacando assim, a importância do estudo de gênero dentro dos moldes de se construir história, para que o sinônimo de Femme Fatale não seja visto como uma fatalidade para a sociedade, mas sim uma ferramenta pela qual as mulheres se apropriaram para alcançarem lugares de poder que à elas também pertencem.

A tomada de consciência feita pelas mulheres foi de fundamental importância nos séculos seguintes. O movimento começado por mulheres inglesas que reivindicavam participação feminina nas eleições se tornou norte para a disseminação de ondas feministas que aos poucos se espalharam e trouxeram as mulheres para todos os campos de atuação no meio social.

Questões de liberdade sexual, direito de reprodução e maternidade antes tratados como tabus foram fortemente dialogados entre os coletivos feministas. É importante frisarmos que a partir dos anos 90 o movimento em ascensão ganhou novas vertentes surgindo assim o termo interseccionalidade ou feminismo interseccional, referente aos vários tipos de opressão que uma mulher pode sofrer de acordo com sua raça, classe e orientação sexual.

A ascensão feminina ao longo da história e suas formas de organização social nos demonstram que mesmo diante das limitações e imposições a estas o seu objetivo de se colocar como sujeitas operantes e ativas das diferentes esferas social se faz valer e se encontra presente em todo o decorrer da história da humanidade. Através da perspectiva

foucaultiana as tendências de poder, sexualidade e resistências se tornam vinculadas, cabendo ao poder não somente o papel de repressão, mas fornecendo a conjuntura social os atributos de luta, estratégias, resistências e afrontamentos (Foucault, 1979 Apud Teles, 2010).

Foucault (2005), em sua análise sobre o poder e como o mesmo se torna atuante, demonstra que o saber acaba por se interligar nos “discursos da racionalidade, delimitando pela separação do normal e o anormal, do científico e o não científico, do racional e não racional” (Teles, 2010, p. 23). O discurso do não aceitar, de se posicionar perante o mundo e de buscar conhecimento se tornou o maior de racionalidade e resistência entre as mulheres. O saber feminino aquele produzido por mulheres e repassado por gerações já não se enquadra em repartições antigas do patriarcado.

Tácito e Dion Cassio nos deram a base de suas interpretações masculinas em relação as mulheres no mundo antigo, as mesmas procuraram e conseguiram com êxito durante a história reinscrevê-las, assim, podemos chegar aos dias atuais discutindo os preceitos de gênero, sexo e feminilidade e conceituado novas vertentes de interpretação para a história das mulheres. Segundo Teles (2010);

O corpo feminino é agora chamado por diferentes visões a expressar novas demandas surgidas em novos contextos sociais, políticos, econômicos, culturais e eróticos. O debate ganha novos termos: as diferenças que antes se expressavam em termos de gênero agora são evidências pelo sexo, pela biologia. É um conjunto de mudanças em diferentes âmbitos da sociedade, especialmente centradas nas divisões entre esferas públicas e esferas privada, homens e mulheres, que se apresentam neste tempo tão marcado por grandes transformações (Teles, 2010, p. 35).

O exercício de poder feminino passa a ser evidente no século XXI, tendo a história cultural como porta para o retratamento de figuras femininas. No meio dos debates teóricos as mudanças de cada época influenciam o entendimento do que seria a história das mulheres e como elas se tornariam presentes em projetos de desenvolvimento, sendo relevante o questionar de narrativas como as de Camurça (2002) feita por

Teles (2010);

[...] Em sua avaliação, Camurça (2002, p. 173) destaca que “o tempo do feminismo, do mulherismo e da luta das mulheres está superada”, examinando a conservação do “sujeito coletivo” que irá evidenciar essa transformação. É preciso existir um esforço desse espaço de encontro e de formação das mulheres entre as mulheres, desse sujeito político, para que ocorra qualquer mudança. Esses processos de mudança tomados em conjunto, representam uma ação transformadora da sociedade (Teles, 210, p. 46).

A construção dos conceitos históricos sobre feminilidade, gênero e o papel social dos indivíduos evidenciou a necessidade de se expressar fora do âmbito particular a autonomia das mulheres e o quando elas são capazes de modificar os padrões arcaicos socioculturais que as mantinham em segundo plano perante o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos estereótipos construídos sobre as mulheres e suas funções no meio social o presente trabalho sobre Boudica nos lançou para uma análise dentro da nova história cultura, que nos permitiu abraçar eventos fundamentais da construção da história das mulheres que teve sua ascensão no meio das Ciências Humanas em grande parte graças aos movimentos feministas surgidos no século XIX. Portanto, essa recente inserção das mulheres nos estudos humanísticos se deve à nova relação delas nas sociedades ocidentais contemporâneas (Bélo, 2014).

Os estudos da obra de Tácito e Dion Cassio nos permitiu uma primeira impressão da rainha Celta. Sua imagem era a distopia com os moldes de feminilidade da época, afinal, não eram todos os dias que os romanos se deparavam com uma mulher à frente de um exército. Em relação a isto, os aspectos culturais do povo de Boudica davam a ela a liberdade de ser atuante, de comandar e ter voz ativa contra injustiças. Aspectos de organizações social considerados a pura barbárie para seus adversários, pelo simples fato de ser uma mulher na linha de batalha.

Todavia, sabemos que as narrativas construídas em relação a Boudica acabaram se tornando idealizações do próprio imaginário dos autores, inclusive de Dion Cássio.

Por essa razão, é preciso levar em conta as transgressões históricas e impositivas que o papel do gênero masculino exerceu sobre o evento da revolta ocorrido entre 60 e 61 d.C. Pois, se tratou de historiadores romanos escrevendo para romanos sobre uma batalha cuja valentia e soberania romana valeria mais que dignidade humana. Sobre o fim da vida de Boudica, Tácito nada menciona em seu livro *A vida de Agrícola*, não mencionou nada sobre um suposto suicídio de Boudica, no entanto em *Anais*, ele disse que a rainha se envenenou até a morte. O verdadeiro fim da guerreira celta permanece oculto na História. Observando os relatos de Tácito e Dion Cássio sobre a rainha celta e o episódio que culminou em sua revolta, nota-se a necessidade que os autores tinham de qualificar Boudica como um ser masculinizado, atribuindo a mesmas características de ferocidade e barbárie. Frisamos aqui que o estupro de suas filhas e seu açoitamento apesar de serem mencionados com pouca relevância pelos próprios autores serviu como demonstração de soberania do homem romano. É de grande importância pesquisas que estudam as relações de gênero na história, como as de Silva (2004), e também os trabalhos de Bélo (2014), em que segundo a autora:

A História das Mulheres teve um papel de inclusão, conferindo a elas meios para obterem maior visibilidade no campo historiográfico. No entanto, incluir não significou ganhar espaço, o que torna compreensível o impacto limitado desse tipo de história sobre os historiadores, por essa razão, foi preciso buscar formulações teóricas utilizáveis para essa abordagem, que não somente estuda as relações masculinas e femininas no passado, mas também a ligação entre a história do passado e a do presente (Bélo, 2014, p. 75).

Assim, justificamos a importância do estudo de gênero, sejam da Antiguidade ao mundo contemporâneo, buscando entendimento para os fatos atuais e principalmente impedir possíveis regressões das vitórias por meio da luta feminina através dos tempos. Por fim, Boudica continua

viva em nossas mentalidades, ressurgindo como produto da massa cultural, mas ao mesmo tempo como sinônimo de luta e resistência.

FONTES

CASSIUS, Dio. Roman History. Edited and translated by Ernest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1925.

TACITUS, C. Annales ab excessu divi Augusti. Oxford: Clarendon Press, 1961.

TACITUS, C. The Agricola and Germania of Tacitus. Londres: Macmillan &Co., 1882. <http://www.perseus.tufts.edu>. Acessado em: 20 janeiro 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDHOUSE – GREEN, M. Boudica Britannia. New York: Routledge, 2014.

BÉLO, T. P. Boudica e as facetas femininas ao longo do tempo: nacionalismo, feminismo, memória e poder. 2014. 241 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1623303>. Acessado em: 01 março. 2023.

CAHILL, A. J. Rethinking rape. Ithaca and London: Cornell University Press, 2001.

FIELDS, N. Boudicca's rebellion AD 60 – 61: the Britons rise up against Rome. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

GRIFFIN, M. Nero: the end of a dynasty. London: B. T. Batsford, 1984.

HINGLEY, R; UNWIN, C. Boudica: Iron Age warrior queen. London: Hambledon Continuum, 2005.

HUNT, L. A Nova História Cultural. Trad. Jefferson L. C. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 05 – 06.

JOHNSON, M. Classical Reception Studies: some pedagogical approachess. 2012. <https://newcastleu.academia.edu/LeniMargueriteJohnson>. Acessado em: 01 março de 2023.

MAUAD, A. M; CARDOSO, C. F. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (Orgs). Domínios

da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.569.

SILVA, G. J. "Gênero em questão – apontamentos para uma discussão teórica". In: Mneme – Revista virtual de humanidades, n.10, v. 5, 2004. <http://seol.com/mneme>. Acessado em 01 de março de 2023.

PEIXOTO, P. V. S. As representações das mulheres celtas nos textos gregos e latinos. In: CANDIDO, Maria Regina (Org.). Mulheres na Antiguidade. 1 ed. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012.

PINTO, R. Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana, 2011.

TACLA, A. B. A religiosidade celta: politeísmo "naturalista". Cadernos do CEIA, Ano, v. 1, p. 159 – 160.

TELES, M. F. R. Feminilidade e resistência: mulher, arte, política e sexualidade. – 2010.